

O USO DE LETRAS MAIÚSCULAS E/OU MINÚSCULAS

José Pereira da Silva (UERJ)

jpsilva@filologia.org.br

RESUMO

O uso das letras maiúsculas ou minúsculas, na ortografia oficial, tem sofrido muitas alterações, tanto em português, quanto na comparação do português com outras línguas de cultura. Serão apresentadas e discutidas as normas oficiais para o uso das letras iniciais maiúsculas, considerando que em geral as palavras são escritas com todas as letras minúsculas. Considerando isto, é preciso considerar também que há várias situações em que o uso da inicial maiúscula é facultativo e que, nestes casos, é muito importante que haja o cuidado de se manter coerência gráfica no texto, evitando-se o uso aleatório de maiúsculas e minúsculas, sem critério. Também serão apontados alguns casos que em Portugal se usavam regras diferentes das que se usavam no Brasil, criando-se confusão aos leitores de livros editados lá ou aqui. Além disso, há situações específicas para algumas ciências ou disciplinas, em que se estabeleceram normas particulares, como é o caso das normas da ABNT relativas às referências bibliográficas. Como se viu na sigla da Associação Brasileira de Normas Técnicas, há casos em que são usadas, não somente as iniciais, mas todas as letras maiúsculas. Isto também ocorre nas referências bibliográficas para marcar o último nome dos autores. Enfim, a proposta é demonstrar que a utilização das letras maiúsculas é uma forma de acentuar ou colocar em destaque as palavras em que isto ocorrer, para que, visualmente, o leitor entenda essa intenção do autor/escritor. Deste modo, as maiúsculas podem ser muito úteis como marcas estilísticas no texto escrito, desde que bem utilizadas. A bibliografia que será selecionada para fundamentar a reflexão estará sempre ligada às normas ortográficas, oficiais ou não, tomando como principais as obras relativas à ortografia que atualmente estamos terminando de implementar nos países de língua portuguesa.

Palavras-chave: Ortografia. Letras maiúsculas. Acordo Ortográfico. NBR. ABNT.

1. Considerações iniciais

Como bem nos lembra Emanuel Araújo (2008) em *A Construção do Livro*,

A questão do emprego das maiúsculas jamais deixou de atormentar os preparadores de originais de língua portuguesa. E o problema não é novo. Ele aparece, a bem dizer, com o próprio desenvolvimento da escrita e seus desdobramentos (e dificuldades). (ARAÚJO, 2008, p. 78)

Ele nos lembra também que “há mais de quatro mil anos os egípcios sentiram a necessidade de utilizar o que hoje chamamos de *destaque* ou *efeito de realce*” (ARAÚJO, 2008, p. 78) e que isto era feito de modos diferentes, dependendo da situação. Esses destaques eram feitos pelo menos

de três modos: por meio de sinais *determinativos* (ou diacríticos), que serviam para indicar vocábulos importantes na frase, como nomes próprios, ou para distinguir palavras homófonas; por meio de *cartucho*, que era uma linha circulando os nomes reais, numa espécie de reverência aos faraós; e, por fim, com uma normatização da escrita que evoluiu, na época dos incunáveis, para o uso das *rubricas* – que eram letras desenhadas com tinta vermelha, realçando situações especiais, que os filólogos-editores bem conhecem, inclusive porque os filólogos alexandrinos incorporaram boa parte das normas egípcias, fazendo as necessárias adaptações para a escrita alfabética do grego e, posteriormente, do latim. (Cf. ARAÚJO, 2008, p. 78)

Araújo (2008, p. 79) diz que o uso da maiúscula como realce gráfico tem origem na escrita hieroglífica dos egípcios, ganhando destaque e normatizações especiais nas modernas grafias ocidentais.

Relatando situações concretas do passado e do presente, Emanuel Araújo (2008) ensina que “O fato de em determinada época ou em determinado círculo social grafarem-se certos vocábulos com maiúsculas ou minúsculas não é, de modo algum, casual” (ARAÚJO, 2008, p. 81). Aliás, isto não é tão arcaico, porque há pouco tempo um advogado processou um zelador ou porteiro de edifício, porque este o chamava pelo nome, sem usar a palavra “Doutor”. Ora, neste caso, se se tratasse de um advogado que se dirigisse, por escrito, a um juiz, sem usar a letra inicial maiúscula, seguramente seria mal recebido.

Para orientar nossa exposição, seguiremos basicamente o plano do atual Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, comentando os pontos em que forem pertinentes observações ou acréscimo de exemplificações abonadoras de autores brasileiros e portugueses em publicações recentes.

2. O uso das letras maiúsculas

Celso Pedro Luft (2007), em seu *Grande Manual de Ortografia Globo*, inicia o tópico sobre “as letras maiúsculas”, lembrando que as iniciais maiúsculas, em geral, são usadas “Em começo de frase e de nomes próprios (nomes individuais, que se aplicam a um único ser, a ele

próprio): *Os alunos estudam. – Antônio, Tiradentes, [...], Marte, Vênus, Brasília, [...]*⁶³ etc". (LUFT, 2007, p. 93)

A tradição e as normas oficiais, no entanto, como já lembrava Adriano da Gama Kury em 1992, são insuficientes e insatisfatórias. (Cf. KURY, 1992, p. 49)

2.1. As normas oficiais

Já se falou disso, mas vale a pena repetir, porque está no Acordo: “A letra minúscula inicial é usada, ordinariamente, em todos os vocábulos da língua nos usos correntes” (SILVA, 2010, p. 103). Por isto, se não houver justificativa de norma ou de uso, deve-se optar sempre pela letra minúscula na escrita, seja como inicial, seja no corpo das palavras.

Por causa das numerosas divergências relativas ao uso de iniciais maiúsculas na ortografia, relacionam-se alguns casos, inclusive no novo Acordo Ortográfico.

Usa-se a letra inicial minúscula:

b) Nos nomes dos dias, meses, estações do ano: domingo, *segunda-feira; terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro; primavera, verão, outono, inverno.* (SILVA, 2010, p. 103)

Esta regra se justifica, mais do que antes, pelo fato de haver divergência entre a ortografia brasileira e a ortografia do Acordo de 1945, que foi oficial nos demais países de língua portuguesa até 2014.

c) Nos bibliônimos⁶⁴ (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes pró-

⁶³ Omitimos as palavras “Papa” e “Serra do Mar” porque Celso Pedro Luft poderia ser questionado, considerando-se que, segundo o Acordo de 1990 (BASE XIX, art. 1º, letra f), escrevem-se os axiônimos com iniciais minúsculas. Entenda-se, no entanto, que a primeira edição do *Manual* é de 1983, e que só teve duas reedições em vida do autor: em 1987 e em 1989. Hoje, “Papa” e “Serra do Mar” se escrevem “papa” e “serra do Mar”.

Emanuel Araújo (2008, p. 79), tratando os topônimos e locativos, observa que se escreve “com inicial minúscula o substantivo que designa a espécie: mar Morto, serra do Mar, trópico de Câncer, península Ibérica, oceano Atlântico, vale do Paraíba, alto Amazonas, avenida Getúlio Vargas, baía de Guanabara, praça da República, rua Direita etc. Mesmo nesses casos, porém, é imperativo grafar-se em maiúscula quando se trata de designativo oficial: monte Belo e a cidade de Monte Belo; cabo Frio (acidente) e Cabo Frio (cidade); cabo Verde e ilha do Cabo Verde”.

prios nele contidos, tudo em grifo)⁶⁵: *O Senhor do Paço de Ninães* ou *O Senhor do paço de Ninães*, *Menino de Engenho* ou *Menino de engenho*, *Árvore e Tambor* ou *Árvore e tambor*, *Histórias sem Data* ou *Histórias sem data*, *Crepúsculo dos Deuses* ou *Crepúsculo dos deuses*, *Viagem ao Centro da Terra* ou *Viagem ao centro da terra*, etc. (SILVA, 2010, p. 103)

Escrevem-se sempre com iniciais minúsculas, portanto, as partículas monossilábicas, e átonas em geral, no interior de títulos, de onomásticos, elementos integrantes de locuções etc. Exemplos: *Histórias sem Data*, *Crepúsculo dos Deuses*, *Viagem ao Centro da Terra*, *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), *Queda do Império*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*. (Cf. LUFT, 2007, p. 96 e ACADÉMIA, 1943, p. XLIV)

Escrevem-se com iniciais minúsculas os nomes de doutrinas correntes e escolas de pensamento e religiões, como: positivismo, romantismo, barroco, marxismo, catolicismo etc. Observe-se, no entanto, que, quando se referem a periodização artística, filosófica, literária etc., escrevem-se com iniciais maiúsculas (Classicismo, Neoclassicismo, Barroco, Renascimento, Romantismo, Simbolismo, Realismo, Modernismo, Pós-Modernismo etc.).

Escrevem-se com iniciais minúsculas os nomes de grupos ou movimentos políticos (anarquistas, republicanos, jacobinos, tenentes, oligarcas, soviéticos, udenistas, petistas etc.) ou religiosos (católicos, jesuítas, reformistas, evangélicos, pentecostais, umbandistas, protestantes, espíritas etc.).

Os nomes de documentos públicos se escrevem com iniciais minúsculas, exceto quando identificados com um nome ou um número: alvará, cartá-regia, foral, regimento, portaria, instrução, lei, ato, emenda etc. e suas subdivisões, como artigo, parágrafo, alínea, inciso. No entanto, quando

⁶⁴ **Bibliônimo** é o nome, título designativo ou intitutivo de livro impresso ou obra que lhe seja equiparada (Cf. HOUAISS, 2001).

⁶⁵ Considerando-se a prática moderna de uso mais generalizado, é preferível que se escreva com inicial maiúscula apenas o primeiro elemento e os nomes próprios contidos no título, mas, no corpo do texto, o uso das iniciais maiúsculas nos bibliônimos pode ser importante destaque. Observe-se, no entanto, que há normatização específica para referências bibliográficas em trabalhos acadêmicos. (Cf. ABNT, NBR-6023 de 2002). As regras da NBR-6023, atualizadas em 2014, são bem minuciosas, e estão expostas num documento de 24 laudas em formato A4, por isto não trataremos delas aqui.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

identificados com um nome ou um número, são escritos com iniciais maiúsculas: Lei Darcy Ribeiro, Decreto nº 6.583, Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, Base XIX – das Minúsculas e Maiúsculas] etc.

Emanuel Araújo (2008) diverge parcialmente nesse particular, ensinando que também se usam iniciais minúsculas quando

À designação sucede um número (lei nº..., instrução nº..., ato institucional nº...), mas quando o documento leva um nome, e não apenas um simples número de ordem, adquire o valor de unicidade, caso em que se justifica o destaque das maiúsculas para caracterizar o intitutivo: Lei Áurea, Lei Afonso Arinos, Lei do Inquilinato etc. (ARAÚJO, 2008, p. 82)

Os nomes de prédios se escrevem com iniciais minúsculas: palácio do Catete, catedral Metropolitana, igreja da Candelária, castelo de Versalhes etc., mas, quando indica a instituição nele abrigada e não apenas o edifício, emprega-se inicial maiúscula: Museu da República, Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional etc.

Os nomes de unidades político-administrativas: capitania, província, estado, município, distrito, termo, cantão etc.

d) Nos usos de *fulano, sicrano, beltrano*.

e) Nos pontos cardeais, quando indicam direção, limite ou situação geográfica (mas não nas suas abreviaturas): *norte, sul, leste, oeste, nordeste, noroeste, sudeste, sudoeste, nor-nordeste, nor-noroeste, nor-sudeste, norsudoeste, su-sudeste, su-nordeste, su-sudoeste* e *su-noroeste*, (mas: N, S, L, W, NE, NW, SE, SW, NNE, NNW, NSE, NSW, SSE, SNE, SSW e SNW). (Cf. SILVA, 2010, p. 103)

Por exemplo: o Brasil limita-se ao *norte...*; dirigindo-se para o *oeste...*; ao *sul* do estado... etc. Recorde-se, no entanto, que os nomes das regiões brasileiras se escrevem com iniciais maiúsculas, assim como nos casos em que são empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte de Portugal, *Meio-Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático.

f) Nos axiônimos⁶⁶ e hagiônimos⁶⁷ (opcionalmente, neste caso, também com maiúscula)⁶⁸: *senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes*,

⁶⁶ **Axiônimo** é a forma cortês de tratamento ou expressão de reverência. Ex.: Sr., Dr., Vossa Santidade etc. (Cf. AZEREDO, 2008, p. 30)

⁶⁷ **Hagiônimo** é a designação comum aos nomes sagrados e aos nomes próprios referentes a crenças religiosas. Exemplos: Alá, Deus, Jeová, Ressurreição etc. (Cf. AZEREDO, 2008, p. 50)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

*o cardeal*⁸ *Bembo*; *santa Filomena* (ou *Santa Filomena*), festa de São João (mas a festa ocorreu em São João do Oriente), o beato José de Anchieta foi canonizado. (SILVA, 2010, p. 103-104)

Isto vale, tanto para os axiônimos correntes: você, senhor, seu, dona, si-nhá etc.; culturais: reitor, deão, bacharel etc.; profissionais: desembargador, ministro, cônsul, deputado, embaixador, presidente, economista, médico, chefe, general, almirante, brigadeiro etc. ou eclesiásticos: padre, frei, irmão, cardeal, papa etc. Em caso de demonstração de eminência, usa-se maiúscula: Vossa Alteza, Sua Santidade, Vossa Senhoria, Sua Majestade etc., como ensina Araújo (2008, p. 81).

Na ortografia do “Formulário Ortográfico”, essas normas eram diferentes, tendo sido alteradas no Acordo de 1990. (Cf. ACADEMIA,

1943, p. XLIV e XLV-XLVI)

g) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas (opcionalmente, também com maiúscula): *português* (ou *Português*), *matemática* (ou *Matemática*); *línguas e literaturas modernas* (ou *Línguas e Literaturas Modernas*), *agricultura* (ou *Agricultura*), *arquitetura* (ou *Arquitetura*), *educação física* (ou *Educação Física*), *filologia portuguesa* (ou *Filologia Portuguesa*), *direito* (ou *Direito*), *medicina* (ou *Medicina*), *engenharia* (ou *Engenharia*), *história do Brasil* (ou *História do Brasil*), *geografia* (ou *Geografia*), *pintura* (ou *Pintura*), *arte* (ou *Arte*), *ciência* (ou *Ciência*), *cultura* (ou *Cultura*). (SILVA, 2010, p. 104)

Na ortografia que está prestes a ser abolida, esses nomes, “bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber”, são escritos com iniciais maiúsculas.

Em palavras como *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outras análogas, justifica-se o uso da inicial maiúscula quando empregadas com especial relevo, o que é uma questão de estilo e, por isto, não é fácil de normatizar. (Cf. ACADEMIA, 1943, p. XLIV)

⁶⁸ O uso do demonstrativo “neste” trouxe ambiguidade para esta norma, pois há quem interprete o pronome como referindo-se ao “caso” dos “axiônimos e hagiônimos” e os que entendem que só se trata do último item (hagiônimos). (Cf. AZEREDO, 2008, p. 100; BECHARA, 2008a, p. 113; ESTRELA, 1993, p. 179 e SILVA, 2008, p. 33)

⁸ Na primeira tiragem do VOLP, a palavra *cardeal* foi escrita com inicial maiúscula, corrigida na errata disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/Encarte_VOLP_5_Edicao_web.pdf>.

2.1.1. *As iniciais maiúsculas no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Apesar de não estar explícito no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, usa-se a inicial maiúscula no começo de um período, inclusive em citação direta.

A máxima “Conhece-te a ti mesmo” figurava, em grego, no frontão do templo de Delfos.

Escreveu Machado de Assis: “O mistério é o encanto da vida”. (KURY, 1992, p. 49)

Cálido, o estio abrasava. No esplendor cáustico do céu imaculado, o sol, dum brilho intenso de réverbero, parecia girar vertiginosamente, espalhando raios em torno. Os campos amolentados, numa dormência canicular, recendiam a coivaras... (COELHO NETO, *apud* LIMA, 2010, p. 102-103)

a) Nos antropônimos, reais ou fictícios⁶⁹, tais como nomes e sobrenomes: *José, Maria, Capistrano de Abreu, José de Alencar, Quincas Borba, Capitu, Branca de Neve, Macedo, Freitas*; cognomes: *Henrique, o Navegador; Ricardo Coração de Leão, João sem Terra*; alcunhas e hipocorísticos: *Trinca Fortes, Sete-Dedos, Chico, Zezé, Juquita, Biu*; antonomásticos: *Marechal de Ferro, Patriarca da Independência, Águia de Haia*; Pseudônimos: *João do Rio, Lênin, Tristão de Ataíde, João das Chagas*; e nomes dinásticos: *os Braganças, os Médicis, os Bourbons*. (Cf. SILVA, 2010, p. 104)

Apesar de o Acordo de 1990 não fazer referência aos nomes gentílicos, de povos e de grupos étnicos, não revoga, portanto, qualquer disposição a esse respeito. Por isto, é importante lembrar que a ortografia de 1943 determina que

Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas também quando representam coletivamente uma nação: *alemães, amazonenses, baianos, cariocas, estremenhos, fluminenses, guarapuavanos, jequienses, mangueirenses, napolitanos, paulistas, pontalenses, portugueses, romenos, russos, suíços, tijuicanos, uruguaios, venezuelanos* etc. (Cf. ACADEMIA, 1943, p. XLIII).

⁶⁹ Os nomes próprios de qualquer natureza (antropônimos, topônimos etc.) que entram na formação de palavras só devem ser escritos com letra inicial maiúscula quando mantêm o seu significado primitivo, como em *além-Brasil, aquém-Atlântico, doença de Chagas, mal de Alzheimer, sistema Didot, Anel de Saturno*. Mas deverão ser escritas com minúsculas quando a nova palavra se afasta do sentido primitivo, como em *água de colônia, pão do chile, pão de são joão, folha de flandres, negócio da china, João-de-barro, erva-de-santa-maria, melão-de-são-caetano*.

Araújo (2008) também ensina que os nomes gentílicos, de povos e de grupos étnicos, como *paulistas*, *iorubás*, *xavantes*, *franceses* etc. são escritos com iniciais minúsculas, embora se faça, às vezes, uma distinção completamente arbitrária entre grandes e pequenas extensões territoriais ou políticas ligadas a etnônimos. Todos, sem exceção, devem ser escritos com iniciais minúsculas, não havendo razão plausível de, por exemplo, registrar com realces diferenciados “os índios Canelas” e “o povo judeu”. (ARAÚJO, 2008, p. 82)

Não se usa inicial maiúscula, portanto, nos nomes de idiomas (tupi, português, latim, inglês etc.) e nos adjetivos pátrios (latino, brasileiro, tupi, xavante etc.), exceto nas situações técnicas exigidas em trabalhos de etnografia, antropologia etc. O uso indiscriminado de iniciais maiúsculas, fora desses contextos técnico-acadêmicos, é estrangeirismo gráfico intolerável.

Além dessas observações, lembramos ainda que as partes integrantes de palavras compostas ou derivadas por prefixação com hífen seguem a mesma regra e são escritas com inicial maiúscula. Ex.: Grã-Bretanha, Centro-Oeste, Guiné-Bissau, Grão-Pará etc.

Nos topônimos, reais ou fictícios: *Lisboa*, *Luanda*, *Maputo*, *Rio de Janeiro*, *Atlântida*, *Hespéria*.⁷⁰ *Brasil*, *América*, *Guanabara*, *Tietê*, *Atlântico*. (Cf. SILVA, 2010, p. 104)

b) Nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: *Adamastor*; *Netuno*. (Cf. SILVA, 2010, p. 104)

c) Nos nomes que designam instituições: *Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*, *Ministério da Educação*, *Partido Republicano*, *Senado Federal*, *Câmara dos Deputados*, *Assembleia Nacional Constituinte*, *Poder Legislativo*, *Gabinete Civil da Presidência da República*, *Supremo Tribunal Federal*, *Fundação Nacional do Índio*, *Banco Central* etc. (Cf. SILVA, 2010, p. 104)

Mesmo no caso das denominações de emprego costumeiro, emprega-se a maiúscula inicial, como *Senado* por *Senado Federal*, *Câmara* por *Câmara dos Deputados*, *Constituinte* por *Assembleia Nacional* (ou

⁷⁰ Observe-se que adjuntos que delimitam a *extensão* ou a *localização* dos topônimos permanecem em minúsculas: Brasil meridional, Rússia europeia etc. Todavia, quando tais elementos se incorporam no topônimo, fazendo parte de seu nome oficial ou do nome consagrado pelo uso, entram em maiúsculas: África Equatorial Francesa, Guiné Equatorial, Coreia do Sul, Alemanha Ocidental, Berlin Oriental, Baixada Fluminense, Mato Grosso do Sul, rio Paraíba do Sul, Planalto Central, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul etc. (Cf. ARAÚJO, 2008, p. 79)

Estadual) Constituinte, Supremo por Supremo Tribunal Federal, Legislativo por Poder Legislativo etc.

Contudo, quando a palavra toma o valor de substantivo comum que designa sua espécie, não se usa a inicial maiúscula, inclusive nos compostos ligados por hífen, como em: a) Assumiu o Ministério da Educação. No *ministério...*; b) Ingressou no Partido Republicano. Pretendia que o *partido...*; c) Formou-se pela Faculdade de Direito do Recife. Na *faculdade...*; d) Nos países europeus, o papel do *senado* é...; e) fumar um Havana, água de colônia, castanha-do-pará, laranja-da-bahia. (Cf. ARAÚJO, 2008, p. 80; KURY, 1992, p. 52-54)

d) Nos nomes de festas e festividades, sejam elas cívicas, religiosas ou tradicionais: *Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Sete de Setembro, Quinze de Novembro, Natal, Quaresma, Sexta-Feira da Paixão, Hégira, Saturnais, Carnaval, Dia do Trabalho* etc.⁷¹ (Cf. SILVA, 2010, p. 104)

e) Nos títulos de periódicos, que retêm o itálico⁷²: *O Primeiro de Janeiro, O Estado de São Paulo* (ou *S. Paulo*), *Revista Philologus*, jornal *O Globo*, revista *Veja* etc. (Cf. SILVA, 2010, p. 104)

f) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: *FAO, NATO, ONU; H₂O, Sr., V. Ex.^a*. (Cf. SILVA, 2010, p. 105)

g) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente⁷³, em início de versos⁷⁴, em categorizações de logradouro-

⁷¹ Aqui podem ser incluídos também os nomes de concursos e eventos, em geral, como: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, Festival Internacional da Canção, Congresso Brasileiro de Cardiologia.

No "Formulário Ortográfico: Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" (ACADEMIA, 1943, p. XLV), discriminavam-se as festas e festividades pagãs ou populares, estabelecendo-se que seus nomes fossem escritos com iniciais minúsculas: *carnaval, entrudo, saturnais* etc. Adriano da Gama Kury observa que esta determinação oficial lhe parece arbitrária, apoiando a legislação resultante do Acordo de 1990, apesar de seu livro ter sido escrito quase uma década antes.

⁷² Vale a pena lembrar que as normas da ABNT não determinam o tipo de grifo, que poderia ser o negrito, cor diferente, fonte diferente, tamanho diferente etc., visto que grifar é colocar em destaque, apesar de se usarem quase que exclusivamente, o itálico ou o negrito.

⁷³ É isto que justifica a utilização de inicial maiúscula em palavras como "Acadêmico", presentes em documentos das academias, e "Professor", nos documentos dos sindicatos desta categoria profissional, por exemplo.

⁷⁴ Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,

ros públicos: (*rua* ou *Rua da Liberdade*, *largo* ou *Largo dos Leões*), de templos (*igreja* ou *Igreja do Bonfim*, *templo* ou *Templo do Apostolado Positivista*, *catedral* ou *Catedral Metropolitana*, *igreja* ou *Igreja da Candelária*), de edifícios (*palácio* ou *Palácio da Cultura*, *edifício* ou *Edifício Azevedo Cunha*, *palácio* ou *Palácio do Catete*, *castelo* ou *Castelo de Versalhes*). (Cf. SILVA,

2010, p. 105)

Alguns poetas usam a minúscula no princípio de cada verso quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

Aqui, sim, no meu cantinho, vendo rir-me o candeeiro, gozo o bem de estar sozinho e esquecer o mundo inteiro. (*Apud* ACADEMIA, 1943, p. XLII)

Eras um rosto na noite larga de altas insônias iluminada. (CECÍLIA MEIRELES, *apud* LUFT, 2007, p. 93)

2.1.2. As letras maiúsculas em normas específicas e o Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa

As normas de utilização das minúsculas e maiúsculas não impedem que obras especializadas criem e observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas, como são as normas relativas à terminologia antropológica, à geológica, à botânica, à zoológica e à bibliológica, por exemplo, criadas por reconhecidas entidades científicas ou normalizadoras, como a ABNT. (Cf. SILVA, 2010, p. 105)

A norma brasileira reeditada em 2014 relativa às referências bibliográficas, por exemplo (NBR-6023), estabelece com detalhes o uso de iniciais maiúsculas nos títulos de livros, periódicos, trabalhos de conclusão de curso etc., assim como dos autores citados ou referidos, indicando não somente o uso das letras maiúsculas, mas também os grifos, a pontuação, a ordem dos itens bibliográficos e outras formas de destaque nas referências bibliográficas em documentos.

O Acordo também determina, em seu artigo 2º, que

Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da Esperança...

(Castro Alves, *apud* ACADEMIA, 1943, p. XLII)

E a vida passa, efêmera e vazia.
Um adiamento eterno que se espera,
Numa eterna esperança que se adia!...

(RAUL DE LEONI, *apud* LIMA, 2010, p. 103)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

“Os Estados signatários tomarão, através das instituições e órgãos competentes, as providências necessárias à elaboração [...] de um *Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa*, tão completo quanto desejável e tão normalizador quanto possível no que se refere às terminologias científicas e técnicas” (Apud SILVA, 2010, p. 33)

Esse *Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa* já está sendo elaborado, estando prontos e disponibilizados os textos do Brasil (*VOLP: Vocabulário Ortográfico Nacional – Brasil*), Moçambique (*VON-MOZ: Vocabulário Ortográfico Nacional de Moçambique*), Portugal (*VOP: Vocabulário Ortográfico do Português*), Timor-Leste (*Vocabulário Ortográfico Nacional: Timor-Leste*), disponível em <http://voc.cplp.org>.

2.1.3. Função sociolinguística da maiúscula

Na verdade, quando se marca um sintagma nominal com a primeira letra maiúscula, o que se pretende é dar um *status* privilegiado ao referente a ele associado. Trata-se de um uso cerimonial, portanto, que pode até ser exigido em algumas situações (um trabalho acadêmico, por exemplo, ou outro documento remetido ao serviço público). Trata-se, portanto, de uma deferência para com o referente representado pelo sintagma nominal.

Como a ortografia oficial do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa não discrimina todos os casos em que deve ser usada a inicial maiúscula por questão de cerimônia, assim como não o fizeram os documentos similares anteriores, outros agentes da comunidade linguística interferem na questão complementando e detalhando a regra. Por esse motivo, as normas relativas ao uso das letras iniciais maiúsculas não têm o mesmo peso, por exemplo, das regras de acentuação gráfica, visto que estas relacionam precisamente os casos em que devem ou não ser aplicadas às palavras.

Provavelmente, não haverá questionamento sobre o fato de escrevermos nomes de pessoas, de cidades e de acidentes geográficos com iniciais maiúsculas. Mas a situação muda diante de perguntas como: O que é um alto cargo? Quando uma entidade deve ser considerada sacra ou divina? Como saber se um evento é histórico? Como determinar se uma festa é popular ou religiosa?

Como estamos na área da sociolinguística, podemos nos defrontar com posições controversas. Por exemplo: alguns gramáticos prescrevem o uso de iniciais maiúsculas nos nomes de entes da mitologia grega (Cérbero, Minotauro etc.), mas recomendam grafemas minúsculos na representação de entidades do folclore brasileiro (saci-pererê, curupira, caipora etc.) embora sejam subs-

tantivos próprios. Em função do exposto, o redator deve saber que, em alguns casos, terá de fazer uma opção pessoal, baseado em suas convicções.⁷⁵

2.1.4. O uso estilístico e facultativo das letras maiúsculas

Celso Pedro Luft lembra que “Muitas vezes a inicial maiúscula é facultativa, dependente de circunstâncias, intenções e significados” (LUFT, 2007, p. 96). Tanto que há escritores que abusam do uso das maiúsculas e outros que, ao contrário, as excluem quase totalmente.

É muito importante, quando a maiúscula é utilizada como recurso estilístico, que haja coerência de sua aplicação, não desvirtuando a importância desse realce gráfico.

Vejam alguns exemplos, colhidos em Luft (2007, p. 97):

Voltas a ser de novo aquilo que tu eras,

A evocadora palidez do teu semblante

Faz-me pensar em Virgens-Monjas de outras eras; Quando de nós estava o Céu menos distante.

(Alphonsus de Guimaraens)

O ódio, a Inveja, a Vingança, a Hipocrisia, Todos os vícios, todos os Pecados Dali voaram...

(Alberto de Oliveira)

Horas de Ocaso, trêmulas extremas, Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume.

(Cruz e Sousa)

Ó minha Graça, ó Vida de repente, Que loucura medonha e que alegria!

(Jorge de Lima)

Em seus *Ensaio de Filologia Românica*, Harri Meier (1974) escreveu um capítulo de vinte e oito páginas, lembrando que, além de a ortografia ser “a gata borralheira da filologia e da linguística”, a importância da maiúscula como sinal fonético é limitado nos textos antigos e nulo nos modernos, mostrando, por exemplo, que não há diferença de pronúncia entre *Dei a carta ao pai* e *Dei a carta ao Pai*. (Cf. MEIER, 1974, p. 182)

⁷⁵ Disponível em: <<http://radames.manosso.nom.br/linguagem/gramatica/grafologia/iniciais-maiusculas>>. Acesso em: 10-07-2015.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Meier lembra ainda que “Na edição crítica de textos antigos, a tradição não se opõe à modernização da grafia relativamente ao emprego de maiúsculas e minúsculas”, relacionando boa exemplificação, comparando a edição diplomática de Henry Hare Carter (1941) com a edição crítica de J. J. Nunes do *Cancioneiro da Ajuda*.

Não seria importante refletir sobre o que diz Meier sobre a maiúscula no interior da estrofe seguinte?

De quantos cousas eno mun do son.non ueio eu ben qual poden
semellar.al *Rey* de castella e le leon se uã qual uos eu direi o
mar". “Estas mannas segundo meu sen que o mar a.a el *Rey* e po-
ren. se semellan queno ben entender”

(CARTER, 150, 151, *apud* MEIER, 1974, p. 183)

A tal respeito, ele pergunta:

Esta única maiúscula da poesia no interior das estrofes ficará bem substituída pela letra pequena, pela simples razão que na época dos editores *rei*, *elrei* costumava escrever-se assim? Não representa possivelmente uma intenção semântica que é preciso conservar e compreender? (MEIER, 1974, p. 184)

Não há um critério linguisticamente defensável para utilização das iniciais maiúsculas nas línguas europeias modernas. Por isto, as divergências são enormes, tanto dentro de cada sistema gráfico quanto na comparação de sistemas atuais (inglês, francês, alemão, italiano, espanhol etc.).

Quando Harri Meier escreveu o livro referido (a primeira edição é de 1948), ainda não existiam as milhares de fontes disponíveis para estilizar graficamente um texto através dos computadores. Mesmo assim, o uso estilístico dos diferentes tipos já era muito utilizada na publicidade⁷⁶. Assim, diz Meier (1974, p. 185):

A maiúscula como *estruturante visual* é um fenômeno especialmente cultivado na publicidade. A tipografia, além de lançar mão de tipos de diferente tamanho e grossura, tem larga liberdade no uso de maiúsculas e minúsculas para graduar a atenção do leitor e concentrá-la em certas passagens (títulos de artigos, etc.). Nestes casos, a maiúscula costuma, como desde épocas remotas nas inscrições, apoderar-se de textos inteiros (cartazes, letreiros, cartões de visita, títulos e livros ou nomes de autores) ou de partes da frase ou palavras inteiras. Os que não perdoam a ninguém que escreva *joão* ou *Amar*, não se importam de ler de manhã, no jornal, e nem notam a grafia extravagante de anúncios como estes:

⁷⁶ Neste sentido, seria interessante a leitura do artigo “Estilística Ortográfica”, de Afrânio da Silva Garcia, disponível em: <http://www.josepereira.com.br/Estilistica_ortografica-AFRANIO.pdf>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

“A ESTIAGEM / e as restrições do consumo de energia elétrica / NO NORTE DO PAÍS”; “CEDE-SE / Primeiro andar”; “Aos Cabeleireiros / Vende-se mobiliário completo”; “DOR DE CABEÇA / e Hiperacidose / Deixe de sofrer e sintá-se feliz / com ALKA-SELTZER MEDICAMENTO DE AÇÃO RÁPIDA”.

É importante também se considerar, do ponto de vista estilístico do texto escrito, a variação de perspectiva de quem escreve, acentuando com as maiúsculas as palavras que lhe merecem mais destaque. Assim, citamos novamente Harri Meier:

A variação da perspectiva em que vemos e descrevemos as pessoas entre a designação apelativa (*o merceiro*) e a identificação onomástica (*Fernando*), ou a combinação de ambas (*o merceiro Fernandes*, *o Senhor Fernandes*), estende-se a outros seres ou objetos: quer pelo afeto que lhes temos, quer pela necessidade de distinguir ou de evitar o apelativo tabu, damos nomes a *animais*, especialmente aos animais domésticos e ao gado maior, a cavalos de corrida, aos bichos do Jardim Zoológico, à serpente dum circo ou a *objetos* que por qualquer motivo antropomórfico ou zoomórfico ganham personalidade, como às embarcações, desde os barquinhos dos pescadores até aos transatlânticos, às carroças, aos comboios, ao automóvel com o qual o dono converte-se como o camponês com o seu burro. Também aqui dão-se processos graduais na passagem de apelativo para nome (*a vaca alentejana* > *a alentejana* > *Alentejana*) [...]. (MEIER, 1974, p. 191)

Estilisticamente, Verney indicou com as iniciais maiúsculas, a hierarquia de valores dados aos elementos da mitologia, tão valorizados pelos neoclássicos, no parágrafo seguinte de seu *Verdadeiro Método de Estudar*, ridicularizando-os:

Temos *Deus*, temos *Anjos*, temos *Santos*, que nos podem inspirar o bem: e temos *diabos*, para inspirar o mal. O *Poeta* mostraria mais ingenho, se ele fizesse os seus versos; do que pedindo a *Apolo*, que lhos inspire. Um furioso *vento* excitado pelo *Diabo*, pode fazer o mesmo espalhafato, em uma armada; que *Eolo*, com todas as suas *Fúrias*. Para dar razam de uma batalha perdida, é mais natural e verdadeiro, recorrer à *pólvora*, *balas*, e *prudência do General*; do que ao *Destino*, ou *Fado*, que sam palavras sem significado. (VERNEY, 1746, p. 191)

Comentando esta passagem, no subcapítulo sobre a função hierarquizadora da maiúscula, Harri Meier (1974) escreveu:

Combatendo a falsa mitologia dos Apolo, Eolo, das Fúrias, do Destino e Fado, o autor marca bem as posições no mundo divino e na sociedade humana. O *Poeta* e o *General* são alusões implícitas a uma hierarquia que lhe é muito “mais verdadeira” do que a mitológica. (MEIER, 1974, p. 194)

Também podemos usar a maiúscula com a função meramente distintiva, como mostra o citado Harri Meier na explicação abaixo:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

É bem diferente se “*estou à espera no banco*” ou “*no Banco*”, se passo a tarde “*em companhia dele*” ou “*na Companhia dele*”. Poder-se-á dizer que nestes casos, *Banco*, *Companhia* são simplesmente nomes abreviados de entidades comerciais que naturalmente se escrevem com letra grande. Mas esta explicação não é suficiente. Posso grafar, com maior liberdade, “*João está no colégio*” ou “*no Colégio*”, “*na escola*” ou “*na Escola*”, porque estes substantivos não evocam acepções tão divergentes como *banco* e *Banco*, *companhia* e *Companhia*, *café* – *Café*, *conselho* – *Conselho*, *governo* – *Governo*, *direito* – *Direito*, *a imprensa* – *a Imprensa*, e não precisam, por isso, da maiúscula distintiva. (MEIER, 1974, p. 196)

No Acordo Ortográfico de 1945, nove das cinquenta e uma bases tratam do uso das letras maiúsculas, dando-lhe uma importância extraordinária, em comparação com o que ocorre em outros idiomas.

Isto diminuiu no Acordo de 1990, com poucos casos em que a maiúscula inicial é obrigatória, mas ainda não é pequena a sua importância, considerando-se os casos em que ela é facultativa e, por isto, mais complicados, por exemplo, para o revisor de textos.

Acredita-se que é mais fácil explicar o destaque que se dá a este assunto na ortografia “como uma gramaticalização de maiúsculas originariamente realçadoras, ou como um compromisso entre diferentes tendências internacionais”, porque parece não existir outra explicação mais razoável para justificar uma ou outra possibilidade. (Cf. MEIER, 1974, p. 199)

3. *Considerações finais*

Essas reflexões não esgotam os problemas relativos ao uso das letras maiúsculas em geral, nem mesmo das iniciais maiúsculas, com os respectivos casos obrigatórios e facultativos.

A simplificação que ocorreu com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 só diz respeito aos casos obrigatórios, porque os casos facultativos e os casos especiais (decididos pelas diversas instituições em nível interno) continuarão oferecendo dificuldade aos profissionais da língua escrita.

Os textos de antropologia, etnografia e áreas afins, por exemplo, têm regras especiais para a grafia dos nomes de línguas, raças, nações etc.; os textos de botânica, zoologia e de áreas afins têm regras especiais, tanto para o uso de iniciais maiúsculas, como do hífen e do itálico. A ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) tem regras especiais bem

detalhadas para o uso de maiúsculas em relação às referências bibliográficas e outros casos específicos dos trabalhos acadêmicos.

Enfim, algo que parece bem simples e que não tem qualquer importância na língua oral, passa a ser uma das maiores dores de cabeça para os produtores de textos e seus editores.

Com este trabalho, esperamos ter dado um primeiro impulso na solução do problema, alertando os pesquisadores sobre a sua importância e complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR-6023. Edição de 2014]. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/16893350/AbntNbr-6023-Referencias-bibliografica-em-documentos>>.

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

_____. *Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. Disponível, com alguns erros de digitação e formatação, na página:

<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=20>>.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*: princípio da técnica de edição. 2. ed. rev. e ampl. Revisão e atualização: Briquet de Lemos. Prefácio: Antônio Houaiss. [São Paulo]: Unesp; [Rio de Janeiro]: Lexikon, 2008.

CARTER, Henry Hare (Ed.). *Cancioneiro da Ajuda*. A Diplomatic Edition. Reimpressão. New York: Kraus Reprint, 1941.

ESTRELA, Edite. *A questão ortográfica*: reforma e acordos da língua portuguesa. Lisboa: Notícias, 1993.

GARCIA, Afrânio da Silva. Estilística ortográfica. Comunicação apresentada no Congresso Internacional de Língua Portuguesa, realizado pela Academia Brasileira de Filologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 19 a 23 de julho de 2004. Disponível em:

<http://www.josepereira.com.br/Estilistica_ortografica-AFRANIO.pdf>

KURY, Adriano da Gama. *Ortografia, pontuação, crase*. 2. ed. 5. tir. Rio de Janeiro: FAE, 1992. [A primeira tiragem dessa edição é de 1984].

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

LIMA, [Carlos Henrique da] Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Edição revista segundo o novo Acordo Ortográfico. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

LUFT, Celso Pedro. As letras maiúsculas. In: _____. *Grande manual de ortografia globo*. Supervisão de Lya Luft; organização: Marcelo Módolo; consultoria técnica: Mário Eduardo Viaro. 2. ed. rev. e atual. 2ª impr. São Paulo: Globo, 2007, p. 93-97.

MEIER, Harri. A maiúscula, problema ortográfico e semântico. In: _____. *Ensaio de filologia românica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1974, p.182210.

SILVA, José Pereira da. *A nova ortografia da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e atual. Niterói: Impetus, 2010.

SILVA, Maurício. *O novo acordo ortográfico da língua portuguesa: o que muda, o que não muda*. São Paulo: Contexto, 2008.

VERNEY, Luís Antônio. *Verdadeiro método de estudar*, para ser útil à República e à Igreja, proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal, exposto em várias cartas, escritas pelo R. P. ... Barbadinho da Congregação de Itália ao R. P. ... Doutor na Universidade de Coimbra. 3ª ed. Valença, na oficina de Antônio Balle, ano 1746.